



CIDADES

# Missão Cruls



## Nesta serra tem arte

As elevações da cidade de Goiás, que encantaram os pesquisadores, hoje inspiram artista

RENATO ALVES

ENVIADO ESPECIAL

**G**oiás (GO) — Explorando a pé a Serra Dourada — como o botânico Ernesto Ule fez na Missão Cruls, há 111 anos — a artista plástica goiana Goiandira do Couto, 88 anos, encontrou tesouros da natureza que, aliados ao seu dom, a tornaram conhecida em todo o mundo. Na serra que circunda a cidade de Goiás, onde mora desde os 6 anos, ela descobriu 551 tonalidades de cores diferentes de areias. E criou uma técnica de pintura difícil de ser explicada e mais difícil ainda de ser aprendida.

A idéia, conta, veio do sobrenatural. Ela diz que, na manhã do dia 18 de setembro de 1967, ouviu uma voz que mandou: "Faça uma casa com areia". Goiandira sentou-se à mesa de casa, pegou uma folha de papel, fez uns traços com cola e jogou areia que havia colhido na serra dias antes. O resultado foi o retrato do prédio onde funciona o Museu de Arte Sacra de Goiás.

Logo a notícia da pintura com areia correu o país e o mundo. Goiandira, que pintava quadros a óleo desde menina, passou a fazer excursões rotineiras à Serra Dourada para pesquisar as areias coloridas. "A técnica da pintura é simples, mas requer muitos estudos", ressalta a pintora.

Filha do poeta Luiz Ramos de Oliveira Couto e prima da poeta Cora Coralina, Goiandira é hoje a artista plástica mais famosa do estado de Goiás. Ela não faz conta de quantos quadros pintou — todos por encomenda. Mas cita dezenas de países para onde foram mandados as obras de arte feitas com areia.

O interesse pelo trabalho de Goiandira é tanto que, em abril deste ano, ela decidiu derrubar os pés de manga e goiaba nos fundos de casa para construir no local um espaço cultural com o seu nome. "Não cabia mais tanta gente no meu atelier. Eu não conseguia mais trabalhar", justifica. No espaço, uma espécie de museu da pintora, estão quadros — inclusive o primeiro pintado com areia — e uma coleção com os 551 exemplares diferentes de areia encontrados por ela na Serra Dourada.

Apesar do desconforto de ter pessoas estranhas circulando por sua casa centenária herdada do pai, Goiandira faz questão de atender a todos que a procuram. Mesmo com a saúde debilitada por uma labirintite, a pintora recebe os visitantes em seu espaço cultural com surpreendente vigor e bom humor. Conta a sua história, mostra recortes de jornais e revistas de todo o mundo com reportagens sobre sua obra, e, ao final, convida a visita para um café com bolacha.

Sua preocupação parece ser mais a de atender o público do que vender suas raridades. Não gosta de passar

Wanderlei Pozzembom



### A ARTISTA DA AREIA

GOIANDIRA, 88 ANOS, E NENHUMA PRESSA EM PINTAR SEUS QUADROS



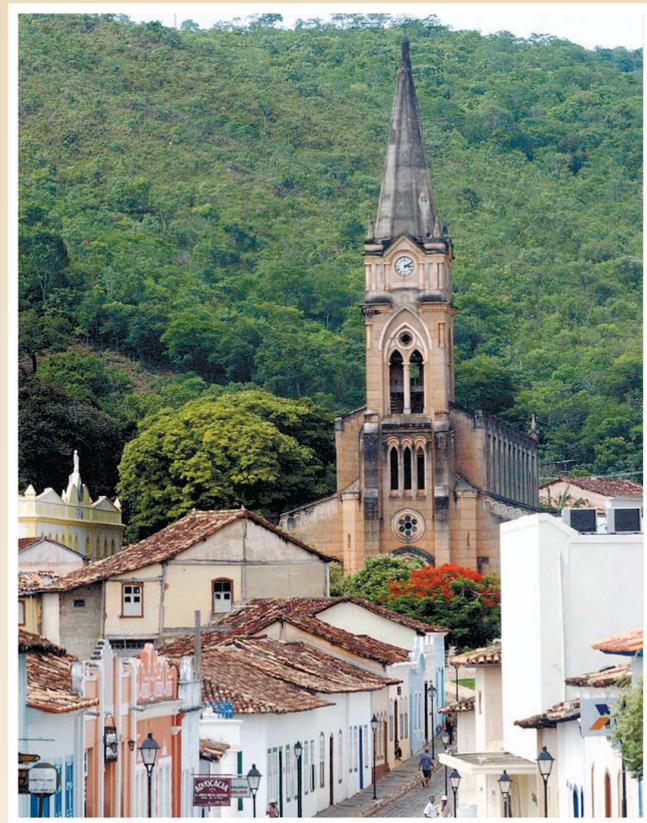
quadros levam em média três meses para ficar prontos. O preço médio de cada um deles é R\$ 3.000 — mesmo valor cobrado há quatro anos. "O que me interessa mais é conhecer as pessoas, divulgar as coisas da nossa terra" ressalta. Se quisesse, ela estaria milionária com suas obras.

O telefone de casa toca o dia inteiro. É gente de todo o mundo querendo comprar um quadro. Atualmente, tem 400 encomendas. Mas não quer saber — nem consegue, por causa da doença e das visitas — de ficar no atelier pintando. "Não sou artista profissional. Não faço dos meus quadros um negócio. Vivo da minha aposentadoria de professora", diz ela, que foi a primeira professora da Polícia Militar de Goiás e fundou três escolas de

arte na cidade de Goiás.

Goiandira também recusa convites para ensinar sua técnica em escolas para o mundo fora, apesar de adorar viajar. "Minha técnica é simples, mas o dom

adiante os quadros que pinta. E os que vende, saem por um ninharia. Goiandira não cede obras expostas no ateliê, só aceita encomenda. Seus



### HORIZONTE BRILHANTE

A NOVA MISSÃO CRULS CHEGA A GOIÁS VELHO: A CIDADE DA SERRA DOURADA

a gente ganha, não ensina". O grande segredo reside exatamente na maneira como seus dedos vão semeando os grãos de areia, a sensibilidade escolhendo e dosando cores e tudo se transformando em luz e sombra, em formas e dimensões, arte e beleza.

Essa mulher, de uma família de 12 filhos, que nasceu em Catalão (GO), não casou nem teve filhos, mantém um amor incondicional pela cidade de Goiás. Só lamenta o fato de não poder mais andar os 33 km até a Serra Dourada para pesquisar areia. "Mas nem tem tanto problema. O que tenho em casa dá até o fim da minha vida."

### Área preservada

A Serra Dourada, que encantou o botânico da Missão Cruls, Ernesto Ule, e que está nas obras de Goiandira, virou Área de Proteção Ambiental (APA). Dentro dessa APA, no município de Mossamedes (povoado de São José de Mossamedes, na época da Missão Cruls), pode-se visitar a Reserva Biológica da Serra Dourada, área de 144 hectares que abriga uma das formações rochosas mais antigas do planeta.

Um importante atrativo da reserva é o laboratório de pesquisa biológica da Universidade Federal de Goiás

(UFG), com espécies nativas da flora do cerrado e o pau-papel, uma árvore de folhas curvinérvias cuja casca se desdobra em folhas delgadas, parecidas com papel.

Outro ponto de visitação na reserva é a Cidade de Pedra, que tem formações rochosas esculpidas pela ação do vento e da chuva. Próximo às esculturas de pedras fica o vale de Areia, onde há rochas de diversas tonalidades que, quando trituradas, viram areia de diferentes cores. É essa areia que a artista plástica Goiandira do Couto usa para fazer os seus quadros.

Ainda dentro da reserva, de um mirante a 1.080 metros de altitude, é possível ter uma vista panorâmica de todo o vale da Serra Dourada e da cidade de Goiás.

A Reserva da Serra Dourada não dispõe de guias. Mas quem quiser se aventurar sozinho pelo local tem antes de passar no campus Samambaia da Universidade Federal de Goiás, em Goiânia, para pagar a taxa de visitação (R\$ 3) e pegar uma autorização. O guarda da reserva pode dar algumas dicas.

O REPÓRTER RENATO ALVES E O FOTÓGRAFO WANDERLEI POZZEMBOM VIAJAM DE DOBLÔ ADVENTURE, CEDIDO PELA FIAT AUTOMÓVEIS



## Crônica da Cidade

CONCEIÇÃO FREITAS // conceicao.freitas@correioweb.com.br (cartas: SIG, Quadra 2, Lote 340 / CEP 70.610-901)

### ZÉ MULATO, FIQUE BOM

Às primeiras notícias do acidente com Leonardo e seus amigos, estranhei o fato de Zé Mulato (da dupla Zé Mulato e Cassiano) estar na companhia do irmão de Leandro. Cá com meus botões preconceituosos, as duas duplas sertanejas jamais poderiam se encontrar, tão diferente é a música que uma e outra fazem, ainda que sob o mesmo rótulo.

Graças a Irlam Rocha Lima, me salvei do fogo do inferno. Ele me explicou que os sertanejos que venderam a alma à indústria fonográfica, e que produzem um pastiche da cultu-

ra caipira, alimentam seus próprios ouvidos com a música sertaneja legítima, de raiz, tão melancólica como uma noite de lua no meio do mato. Pra descansar do mundo do agito, eles se reúnem aos que tocam a genuína música sertaneja. Pelo que li nos jornais, Zé Mulato e Cassiano são amigos de Leonardo (e eram de Leandro) há mais de 20 anos.

Me pus a pensar (de vez em quando é bom): a música de Leonardo está para a música de Zé Mulato e Cassiano como a de Kelly Key está para a de Maria Rita (ou de Maria Bethânia ou de Elis Regina). Mas não consta que as duas cantoras sejam amigas — pelo pouco que leio em *Caras e Contigo*, as amizades do mundo artístico urbano

segue a regra das afinidades culturais. *Casseta e Planeta* de um lado, *Zorra Total* de outro.

O mundo artístico urbano, e bem-sucedido, é muito mais vasto que a meia dúzia de sertanejos que faz sucesso. Boa parte dos tocadores caipiras saem de um território geográfico bem delimitado — interior de Goiás, Minas e São Paulo. Se, para os urbanos, não deve ser fácil enfrentar a aridez da disputa por um CD ao sol, para os sertanejos, menos ainda.

Dia desses, logo depois de Zé Mulato e Cassiano receberem o Prêmio TIM de música regional, Zé Mulato falou do estranhamento que lhe causou o contato com a euforia dos artistas durante a festa de entrega do prêm-

io. "Aquele tratamento muito fino tem muito de falso". A dupla mineira, que há mais de 25 anos mora em Brasília, vestiu-se com a roupa de sempre: camisa quadriculada e chapéu. "Foi a vitória da espingarda contra a metralhadora", comentou Zé Mulato.

Manter-se inteiro nas suas crenças, na sua cultura, na sua criação, na sua viola, e ainda assim ser bem-sucedido, é proeza de poucos, pouquíssimos. Zé Mulato e Cassiano são dessa gente rara, que não se desvia de seu caminho, que é amigo de Leonardo, mas não cede às tentações do dinheiro farto em troca de concessões ao sucesso fabricado.

A repórter Ana Paixão apurou que, na Câmara dos Deputados, onde Zé

se aposentou como segurança, ele jamais fez qualquer comentário do tipo 'meu amigo, Leonardo'.

Zé Mulato, fique bom logo, pra você encher nossos olhos e ouvidos com sua música candente e seu jeito exemplar de viver.

Solidarizo-me com todas as vítimas do acidente e torço para que se recuperem e retomem a vida tal qual ela era antes. Dito isso, fica a pergunta: O que o diretor de Polícia Civil e um agente de polícia faziam com um carro emprestado de uma concessionária? A pergunta ainda não foi devidamente respondida.

